Escrita INKZ – Anti-manifesto para uma arte incapaz, primeiro volume de poesias do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos publicado no Brasil, é um belo livro. Tome-se a afirmação anterior não apenas pelo juízo de valor literário que contém (também válido aqui), mas literalmente: da capa branca, sóbria, com o nome do poeta e o subtítulo da obra em letrinhas vermelhas brilhantes, mas discretas, à cuidadosa distribuição, internamente, das seções e estrofes – ou "títulos", como prefere o próprio autor – o trabalho da Editora Aeroplano, do Rio de Janeiro, é primoroso. *Escrita INKZ* é um livro extraordinário desde a sua capa muito alva, que em poucos dias de manuseio terá adquirido aquele aspecto característico dos volumes de cabeceira – marcas de dedos, as bordas encardidas. A encadernação e o papel de excelente qualidade não deixarão que o livro desmonte em pouco tempo, o que lhe daria a cara definitiva do livro-mais-amado. Mas a poesia mesma ali contida, e a reflexão filosófica que a embasa, se encarregará, como veremos, desse "desfazer-se" a que as grandes obras de cada leitor estão irremediavelmente fadadas.

O volume abre, a propósito, com um "desfácio" em lugar do prefácio. Nele, um exercício em si mesmo da pedagogia anarquizante que parece mover o professor transfigurado em poeta, Boaventura provoca: "A minha geração não produziu nada de novo no domínio das artes. [...] Não vimos artistas prontos a morrer. A minha geração não conheceu ninguém desse calibre". Pesado? Não para quem puder entender, de fato, a que se propõe essa poesia filosófica feita de pequenas transgressões – em forma e conteúdo. O "desfácio" prossegue explicando a divisão do livro em seis partes, cada uma delas desdobrada em duas – perfazendo, portanto, doze seções no total.

Anárquico, sim, mas didático, o texto introdutório cita o filósofo Leibniz e suas mônadas: "entidades que não admitem subdivisão, unidades sem partes". Para o poeta, o sujeito (pós-)moderno se define por seis mônadas: figura, cidade, andamento, momento, mulher-nua e orador-ninguém. E há uma sétima unidade indivisível, a "mônada-cão", que acompanha cada uma das outras como uma espécie de sombra – ou, talvez, a voz-consciência que confere alguma unidade ao todo fragmentário. A "mônada-cão", como todo melhor amigo, tem nome: King. São essas as "regras" da *Escrita INKZ*. O resto fica por conta de quem se arriscar na travessia de suas pequenas pontes para a vida cotidiana – *Uma figura chega a casa / Com a dose semanal de auto-estima / Distribui-a entre o frigorífico e os armários / E verifica que a maior parte dela / Se perdeu entre o supermercado e a casa* (p. 40) – ou para o sublime da existência: *Há duas maneiras / De apressar o fim: / Caminhar para ele / Ou caminhar em sentido oposto* (p. 189). Respectivamente, a sabedoria humana e a canina (ou *Kinguiana)*.

Além de poeta, Boaventura de Sousa Santos é um dos mais originais pensadores ligados à esquerda. E um cientista social respeitado na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, autor de livros clássicos na sua própria área, a sociologia (*A Crítica da Razão Indolente*), e em disciplinas correlatas, notadamente a filosofia da ciência (*Um Discurso sobre as Ciências* e *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*). O papel fundamental que desempenha junto à chamada "sociedade civil global" – cuja celebração máxima se dá no Fórum Social Mundial, do qual o sociólogo é um dos fundadores – não podia ficar de fora da entrevista a seguir, realizada em Porto Alegre durante a última edição do Fórum.

O embate sempre gratificante entre sociólogo e poeta, entre ciência e arte, proporcionou alguns dos momentos de maior brilho da conversa: "Procuro o reencantamento, que já não pode ser só pela arte, não pode ser só pelas ciências sociais – talvez pelas duas, juntas, seja possível". E rendeu ainda uma defesa contundente da chamada "arte engajada". Mas atenção: não aquela encomendada pela direção do partido. O engajamento, aqui, se define, de volta ao "desfácio" da *Escrita INKZ*, por "um novo encontro entre a arte e a vida", que a geração do poeta não teria alcançado porque, escreve ele, "há páginas literárias, salas de concerto, departamentos de arte e literatura, prêmios, galerias". Numa palavra, há o culto desenfreado à personalidade do autor. O poeta discreto (ainda que sociólogo ativista) Boaventura de Sousa Santos quer que sua *Escrita INKZ* seja apenas a matéria-prima para a verdadeira arte que criaremos nós, seus leitores – a cada "título", a narrativa ou obra de arte que nos for, subjetivamente, sugerida. Ganha, pois, sentido pleno a provocação final do mesmo "desfácio": "Movam-se, porra, já que é para isso que eu não existo!"

O que é a *Escrita INKZ*?
Acho que ela já tem o seu destino marcado. Desde que foi publicada, talvez por culpa minha, ela foi considerada poesia. E já há várias resenhas que o transformaram num livro de poesias. Acho que é daqueles livros de poesia que se tornam poesia pela maneira como são recebidos. Poderia ser considerado um livro de sabedoria, se calhar, um livro de aforismos, poderia ser um livro de títulos. Poderia ser uma outra escrita, como digo, aliás, no "desfácio": nem sei se é prosa ou poesia. Agora, à medida que me vão falando dela, vou me convencendo de que escrevi poesia. E fico feliz por isso, porque, para além de cientista social, sinto-me realmente um poeta. É essa minha outra identidade. Mas também gostava de escrever outras coisas, como histórias realmente muito rápidas – aliás, é o que está implícito neste livro – histórias que estejam coincidentes com a velocidade de nossa época, em que os começos coincidam com o fim. Mas isso, é claro, é a impossibilidade da minha escrita. Este será o meu silêncio – que será, se calhar, a face final da minha escrita.

O senhor faz essa, não sei se comparação, mas uma reflexão sobre o cientista e o poeta – vamos, enfim, convencionar que seja poesia. No seu *Discurso sobre as Ciências*, me chamaram a atenção uma referência a Deus e outra à felicidade. O que são Deus e a felicidade para o cientista social Boaventura de Sousa Santos?
Como cientista, sinto, desde o início, que esses são conceitos-limite para a ciência social, que é um produto do secularismo. E o secularismo consistiu basicamente em a religião passar a ser domínio privado e não mais domínio público – e, portanto, Deus tem lugar numa sociologia da religião ou das práticas religiosas. Mas não Deus como uma transcendência, uma espiritualidade, que transcende a sociedade secular para a qual a ciência social foi criada. A felicidade é outro conceito-limite, porque nós, pura e simplesmente, não sabemos operacionalizar a felicidade. A ciência social – todas as ciências – foi criada com a idéia de criar objetos. E criar objetos é, muitas vezes, quantificá-los. É certo que existem as ciências sociais como teologias qualitativas, mas elas nunca foram reconhecidas com a mesma dignidade que as sociologias político-quantitativas. Ora, não podemos quantificar a felicidade, não podemos operacionalizá-la, não é uma questão aditiva ou de igual distribuição da riqueza. Nunca ninguém entendeu por que nos países nórdicos é tão elevada a taxa de suicídio, apesar de serem sociedades fortemente democráticas e altamente justas. Portanto, a felicidade é algo para que não temos

instrumentos analíticos das ciências sociais. E é por isso, se calhar, que preciso de outra escrita. É porque eu quero expressar esses temas, mas não os posso expressar enquanto sociólogo. É por isso que a *Escrita INKZ* tem um orador-ninguém.

Quem é esse "orador-ninguém"?
É o Deus que não existe existindo como não-existência.

E o outro conceito, de felicidade, onde entra para o poeta? O senhor se refere a ser feliz ou infeliz na apresentação de si que faz ao final do livro.
Digo, na biografia do autor: "Dão-se alvíssaras a quem o encontrar feliz ou infeliz". O que eu quero dizer aí é que a felicidade é um estado íntimo. Nunca ninguém vai saber como é que eu estou, nem se calhar nunca ninguém sabe a respeito de ninguém se está feliz ou infeliz. São estados demasiadamente íntimos para poderem ser manifestados plenamente. E é por isso que as relações sociais são tão difíceis, e as pessoas muitas vezes têm comportamentos que chocam outras: uma pessoa tão feliz não iria cometer aquele ato extremo; ou uma pessoa tão infeliz não se daria ao luxo de ser tão feliz ou tão alegre em certas situações. Acho que a felicidade é um estado íntimo. E, portanto, ao escrevê-la na *Escrita INKZ*, escrevo a minha felicidade e a minha infelicidade, mas não deixando a ninguém nenhuma pista para saber se sou feliz ou infeliz – o que não é muito fácil, são muitas páginas para dizer isso.

Quem é esse poeta que "gosta mais de andar nos bolsos de dentro do que na lapela", outra auto-definição presente ao final de *Escrita INKZ*?
É porque o cientista social é o contrário, não é? Ando demasiado na lapela. E, como poeta, vou para o bolso de dentro, de fato, do mundo. É isso também o que gosto.

Ao apresentar o volume de poemas, Gilberto Gil descreve sua poesia, primeiro, como "pedagógica" e "filosofante", e em seguida destaca a lógica de "fontes abertas" do livro, uma idéia muito em voga hoje quando se fala em programas de computador. Seria a síntese, ali, do professor, que compartilha o conhecimento, e do ativista político alinhado à luta – entre outras – pela flexibilização da propriedade intelectual?
É uma análise brilhante, devo dizer. Só não sei se é verdade. *(risos)* Eu uso, a certa altura no "desfácio", a idéia da propriedade intelectual, que é exatamente também para fazer uma crítica radical ao modo como hoje o conhecimento circula nas sociedades. Porque, apesar de nós, nas ciências sociais, ainda não estarmos totalmente dominados pelas idéias da propriedade intelectual, a verdade é que estamos, em um certo nível. E, portanto, o que eu quis foi patentear o nada, isto é, patentear títulos na base dos quais as pessoas possam agora pensar o que quiserem, escrever o que quiserem. E é isso, em meu entender, o que se calhar pode ser a minha síntese – talvez síntese seja uma palavra dura demais... É mostrar os meus limites de uma maneira produtiva. E a maneira de mostrar os meus limites produtivamente é abrir espaço para os outros.

O que o leva a afirmar, no texto introdutório ao seu livro, que a sua geração "não produziu nada de novo no domínio das artes" e "ficou assim condenada a celebrar a própria esterilidade e a usá-la para consumo interno"?
Eu tenho sido atacado por essa frase, sobretudo por artistas da minha geração, porque se sentem atingidos – e não deviam sentir-se atingidos. Não é uma análise sociológica que

faço dessa geração. E é uma coisa que Gilberto Gil entendeu bem – apesar de achar estranho, porque é um homem da minha geração. Viu que era um ato de demolição. Mas eu não estou a fazer uma análise sociológica da esterilidade. Tenho é que partir criativamente da esterilidade da minha geração para poder fazer algo de novo. Portanto, eu tenho que pensar como estéril. Não estou a fazer uma análise sociológica e, se ma pedissem, certamente eu me contradiria completamente com essa análise.

Mas existe uma crítica embutida aí, que é de uma arte elitizada, institucionalizada.
É evidente que sim.

O senhor defende uma arte engajada?
Acho que sim. O elemento sociológico, se você quiser, que está aqui é o seguinte: acho que, dentro do cânone a que a modernidade entregou a arte, deu à racionalidade estética ou expressiva toda a liberdade com a condição de ela ser separada da sociedade útil. Portanto, o poeta pode ser louco, o artista pode ser um alcoólico terminal, pode ter todo o comportamento mais estranho possível porque a arte não tem nada a ver com a vida. A arte é uma vida própria e autônoma. E isso, em meu entender, veio a liquidar o potencial emancipatório que a arte tinha. No século XVIII, por exemplo, isso é muito claro nas cartas sobre a estética de Schiller, o grande poeta alemão, no início do período moderno. Era a idéia de que a estética poderia ser uma emancipação. E ela foi emancipação pela fuga aos problemas – e, portanto, a arte separou-se da vida. E o que estou à procura é do reencantamento da vida. Os sociólogos depois vieram, no seguimento disso, tirar as conclusões dessa fuga da arte em relação à vida – Weber, quando disse que vivemos em sociedades desencantadas. Ora, eu procuro o reencantamento, que já não pode ser só pela arte, não pode ser só pelas ciências sociais – talvez pelas duas, juntas, seja possível. Mas não é trabalho de um artista ou de um sociólogo só. É um trabalho de gerações, de jovens, de muita gente que queira agarrar nessas idéias e frutificá-las de uma maneira ou outra, porque exatamente o caráter talvez mais específico deste livro é ser extremamente aberto. A mim, se perguntarem o que acho de mais reconfortante neste livro, é ser capaz de escrever um livro tão aberto quanto este. Eu gostaria que a solução que ele cria não feche as pessoas no que lá está escrito, mas as obrigue a fazer outras escritas INKZ. E, realmente, quem é criativo o entendeu assim. Recebi uma nota de José Saramago, de quem sou amigo – acho que posso dizer, apesar de ter sido uma carta privada –, em que ele dizia que entendeu exatamente que o que está aqui é uma mensagem de abrir potencialidades criativas com transgressão dos cânones. Porque é uma poesia que não parece poesia. Se calhar, é também uma ciência social que não tem nada a ver com a ciência social, que fala das coisas que não são politicamente corretas. Fala de todos os conflitos que existem dentro de nós, dessas seis mônadas que identifico e vejo que são exatamente o que nos caracteriza. E aqui tenho, se calhar, a minha "ansiedade de influência" em relação a Pessoa: não são heterônimos, somos nós todos ao mesmo tempo sendo essas coisas. Eu não preciso me pôr em diferentes peles – há as peles, naturalmente, do cientista social e do artista. Enquanto poeta, sou isso tudo, e não consigo ser apenas uma parte: escrever agora como Álvaro de Campos e amanhã... Claro, estou ao meu nível, e não ao nível de Fernando Pessoa, mas é para ver como é que me localizo dentro dos meus limites. E superar os meus limites à minha maneira.

O senhor faz uma crítica contundente ao pós-modernismo. Por quê? Que crítica é essa?

Faço uma crítica, fundamentalmente, contra o pós-modernismo que se tornou uma ideologia dominante neste país e na América Latina, precisamente porque são culturas totalmente dependentes das culturas eurocêntricas. Não se vê o pós-modernismo a frutificar na África, ou na Ásia. Mas a cultura latino-americana – exatamente porque é uma cultura que advêm de um processo de descolonização em que a independência não foi dada às populações nativas, mas aos descendentes dos colonos – ficou totalmente dependente de todos os tiques ideológicos e, neste caso, de uma Europa esgotada, culturalmente esgotada – e que só pode efetivamente renovar-se através de uma outra relação com o mundo que eu, como cientista social, procuro. Tenho um centro de pesquisas em Portugal, considerado um centro de excelência na Europa, onde fazemos muitos trabalhos com África, Angola, Moçambique, com o Brasil, com a Colômbia etc. Portanto, na procura de uma identidade nova. Agora, o pós-moderno foi assumir, em sociedades que têm tantos problemas por resolver, uma ideologia própria de uma sociedade que está relativamente satisfeita com o nível de solução dos problemas que conseguiu. À custa, naturalmente, da não-resolução dos problemas do chamado Terceiro Mundo. A Europa é o que é porque continua, ainda hoje, a beneficiar-se do todo o capital colonial que granjeou desde o século XV.

O senhor defende um outro pós-modernismo?
É o que chamo "pós-moderno da oposição". A opção tem sido entre aqueles que abandonam o projeto da modernidade, e que dizem que já não temos que olhar para o futuro, para as grandes revoluções, para a emancipação social – tudo isso era um projeto moderno que não tem qualquer cabimento (são os pós-modernos à la Lyotard, Baudrillard, Lipovetsky etc., que influenciaram muita gente neste continente); e depois há os outros que, por resistência, dizem: não, o projeto da modernidade está absolutamente intacto, é absolutamente válido – o que ele está é ainda incompleto, há que completá-lo (o maior defensor dessa posição é Habermas). E há uma terceira posição, que é a minha e que tenho muita dificuldade em impor: digo que temos problemas modernos para os quais não temos soluções modernas. Temos problemas da justiça, da igualdade, da fraternidade para resolver, só que as soluções modernas não estão presentes. Daí a necessidade de um "pós-moderno da oposição". Mas os automatismos intelectuais neste país são de tal ordem que, quando ouvem "pós-moderno da oposição", só ouvem "pós-moderno", não ouvem "da oposição". E não lêem. Houve um editor do seu país, aqui, que disse que publicaria os meus livros sob uma condição: que eu tirasse do subtítulo de um dos livros a palavra "pós-moderno". Obviamente que não tirei. Outro editor não teve esse problema.

Mas o senhor filia a sua obra poética a um conceito estético de "pós-moderno da oposição"?
Não. Não o vejo como tal. Certamente se um crítico literário... Sua pergunta é muita arguta... *(pausa)* Faz-me pensar...

Em termos estéticos, há toda uma coisa bem ao gosto pós-moderno na *Escrita INKZ*, de "obra inacabada", talvez...
O que há aí é o elemento da fragmentação, obviamente... E talvez tenha razão de que há a fragmentação numa busca de unidade – e isso é que talvez represente a oposição. Acho que o King tem um papel aí, que não é um papel cínico, de desconstrução pura, é um papel que aponta para os problemas que as mônadas eventualmente não estão a entender e a valorar como deviam. Distraem-se com outros e esquecem dos problemas importantes. Quem sabe

se o senhor não tem realmente razão, de que há aqui um pós-moderno da oposição na *Escrita INKZ*? E este, se existe, devo dizer, passou-me completamente despercebido até este momento.

E que se materializa, como o senhor dizia, nessa voz da "mônada-cão".
Sim. Exatamente.

Tem uma das "sabedorias caninas" que achei das mais inteligentes e diz: "É-nos difícil olhar para trás / E olhar para o céu". Eu lhe perguntei antes quem era o "orador-ninguém". Acho que já chegamos à conclusão, mas lhe pergunto ainda assim: quem é "King"? De onde vem essa "sabedoria canina"?
Da materialidade do cão. Ele tem muita dificuldade de olhar para trás ou para o céu, na sua própria materialidade. Ou seja, quero aí dar a idéia de que nós devíamos reconstruir a nossa materialidade para podermos enfrentar com os quatro pés – só temos dois, mas é com os quatro pés – sem estarmos sempre a olhar para trás, ou sempre a olhar para o céu, e olharmos sim para aquilo em que pisamos. É isso que diz o King: os humanos não sabem, como nós, olhar para os detalhes até que eles falem. É esta intensidade do presente que eu quero dar, e que penso que é uma qualidade humana perdida.

Seria uma tentativa de chegar ao "conhecimento prudente para uma vida decente", voltando aos seus escritos sociológicos?
(risos)

Porque vejo que nossos tempos, me parece, são de um acesso ilimitado ao conhecimento, apesar de um excesso descontrolado de informação.
Acho que o que a *Escrita INKZ* propriamente diz é que o que está errado na minha idéia do conhecimento prudente é que eu devia usá-la, talvez, no plural: "conhecimentos prudentes para vidas decentes". Se calhar, não é capaz de ser correto reduzir isso tudo ao singular. Mas que há repetições... As coisas foram feitas pela mesma pessoa, portanto é natural que o senhor escavando, fazendo a arqueologia, vá encontrando algumas cumplicidades e contaminações recíprocas. Acho que sim.

Me parece que a sua poesia é bastante conceitual, talvez em oposição a uma poesia mais intuitiva de outros poetas...
Não. Acho que não...

Como é, então, o processo de criação desses textos da *Escrita INKZ*?
Ah, esta é outra questão interessante, porque acho que para se compreender plenamente essa escrita, é preciso conhecer os outros livros, sobretudo o último, que se chama *Viagem ao Centro da Pele*, que é uma escrita totalmente diferente com um registro lírico muito grande. É uma experimentação nova. O outro processo de escrita é um processo que se adapta mais à minha vida, porque nunca tive férias – ou, se tive, são duas, três horas com o prazer, com o gozo, com aquilo que posso ter, mas não consigo pensar em férias entendidas no sentido de não-fazer. E, portanto, há momentos em que eu descanso passando de uma atividade para outra, e esses momentos por vezes não são muito longos. Grande parte disso é escrito nos Estados Unidos, onde tenho um tipo de vida que torna possível escrever, porque vivo muito mais isolado – para depois poder agüentar (e gozar) todo esse convívio

social, que também é tão importante, porque sou um ativista político solidário com as lutas do mundo. Mas nos Estados Unidos tenho longos passeios a pé – minha casa dista quarenta minutos da universidade – e se alguém olhar para mim nesses passeios, pensa que sou um louco, porque tenho um caderninho e de dez em dez metros páro para escrever uma frase. Uma coisa curiosa é que, ultimamente, neste último ano, comecei a evitar fazer isso. Porque há uma preocupação de segurança e vigilância nos Estados Unidos, tão grande, que comecei a pensar: vão achar que ando aqui a tomar nota de edifícios, números de carros, que sou algum terrorista... *(risos)* Mas é fundamentalmente um processo de escrita com uma grande concentração mental e uma grande descontinuidade temporal. Regresso a um mesmo tema muito facilmente, com uma facilidade de relâmpago, mas temporalmente é extremamente descontínuo.

Parodiando a brincadeira ao final do livro – onde há uma lista dos "próximos livros que não serão escritos" –, quais são os próximos que serão escritos?
São esses.

***(Risos)* Não é uma brincadeira?**
Não. O *Estevão K* está bastante adiantado. O Vol. IV, que é o *Volume 8*, também está bastante adiantado, está quase pronto. Vou articulando com a minha vida profissional, porque trabalho fundamentalmente como sociólogo, e portanto o ritmo dessa escrita é totalmente subordinado a um outro ritmo. Não posso prever quando é que vou fazer. Vou avançando aos poucos. Neste momento, tenho ainda outros projetos além desses. Estou a escrever *rap*, por exemplo. Vamos ver o que é que dá.

O senhor fez há pouco uma menção – e a faz no livro – a Fernando Pessoa, e eu pergunto: quem são os seus poetas de cabeceira? (Lembro a sábia frase de "King" na *Escrita INKZ*: "Cânone deve ser uma armadilha para apanhar humanos".)
(risos) Não tenho cânone. É evidente que não há nenhum português – ou, se calhar, alguém de língua portuguesa até – que não tenha sido tocado pelo *Livro do Desassossego*. Mas tem havido poetas fundamentais, que leio sempre de uma maneira extremamente instrumental. Um deles é um poeta americano, John Ashbery, que me serve de companhia. Trago sempre um livro dele, ou de outro poeta que por acaso cruza o meu caminho. Mas esse tem sido um daqueles que cruzam o meu caminho, porque é o que eu consigo instrumentalizar melhor.

Outros?
Um é Eduardo White, um moçambicano que é, para mim, um dos grandes criadores em língua portuguesa, mas não é conhecido. Outra é Maria Mercedes Carranza, uma grande poeta colombiana. Hanni Ossot, venezuelana, também uma grande poeta, igualmente muito pouco conhecida. Outra é uma poeta americana, Sharon Olds, que escreve poesia erótica, com grande presença em minha poesia. Não são poetas conhecidos. Fernando Pessoa não está nessa lista, por exemplo.

Não está?
Não. Como digo, todos fomos tocados pelo *Livro do Desassossego*, mas não é um poeta de cabeceira.

Por que a advertência a nós, leitores, de que a *Escrita INKZ* é vitalmente perigosa?

Eu acho que nós vivemos numa sociedade que não só banalizou e banaliza o horror – nós vemos as desgraças do mundo e cada vez mais vivemos tranqüilos com elas – mas também de alguma maneira trivializou a própria descrição do horror. A própria escrita, no caso, do horror. E acho que há muita coisa que é aí dita que é extremamente perturbadora, como se nós nos detivéssemos – ou se até eu me detivesse – a pensar demais sobre elas. Portanto, eu próprio tenho que escrever procurando não pensar demais. Há coisas aí que tocam a própria sustentabilidade da subjetividade, porque nós vivemos por cima de um magma – que não sabemos se é humano, desumano ou sobre-humano, se é louco ou são, no conceito que a gente tem – e portanto eu penso que é altamente perturbador. Mas para ser lido dessa forma era preciso um outro sistema educativo, em que nós, por exemplo, pudéssemos passar um seminário – e que não deviam se chamar seminários, obviamente, deviam se chamar outra coisa menos religiosa – ou fazer conversas longas e prolongadas sobre, por exemplo, uma dessas estrofes: o que ela traz da vida de cada um, o que se associa a ela de bom e de mau. Se fosse lido assim, acho que esse livro era perigoso. Só que sei não vai ser lido assim, pois estamos numa sociedade de consumo – e, portanto, é um aviso fútil.